



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - LICENCIATURA

**HISTÓRIA LOCAL E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:
INVESTIGANDO A APRENDIZAGEM DE JOVENS ESTUDANTES DE FOZ DO
IGUAÇU SOBRE A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU E SEUS IMPACTOS**

LARISSA SOUZA DE LIMA

Foz do Iguaçu
2023

**HISTÓRIA LOCAL E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:
INVESTIGANDO A APRENDIZAGEM DE JOVENS ESTUDANTES DE FOZ DO IGUAÇU
SOBRE A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU E SEUS IMPACTOS**

LARISSA SOUZA DE LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Eder Cristiano de Souza

Foz do Iguaçu
2023

LARISSA SOUZA DE LIMA

HISTÓRIA LOCAL E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:
INVESTIGANDO A APRENDIZAGEM DE JOVENS ESTUDANTES DE FOZ DO IGUAÇU
SOBRE A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU E SEUS IMPACTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Eder Cristiano de Souza
UNILA

Prof. Dra. Ana Rita Uhle
UNILA

Prof. Dra. Endrica Geraldo
UNILA

Prof. Dr. Tiago Costa Sanches
UNILA

Foz do Iguaçu, 25 de outubro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu professor orientador, Eder Cristiano de Souza, que me auxiliou neste processo com muita paciência e dedicação.

À oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do Programa Residência Pedagógica e do Plano de Trabalho de Iniciação Científica, os quais foram de fundamental importância para minha formação como professora e pesquisadora.

Ao professor Tiago Sanches, que me orientou na aplicação da oficina que resultou na construção desta pesquisa, dentro da disciplina de Estágio II e do programa Residência Pedagógica.

Ao professor receptor do Colégio Estadual Flávio Warken, Odirlei Manarin, que me recebeu em suas turmas de forma pontifícia, sendo sua ajuda essencial para a aplicação das aulas e obtenção dos resultados.

Aos e às colegas de minha turma, que tiveram essencial contribuição para minha formação dentro da universidade.

Agradeço, também, à Unila que, enquanto instituição, me proporcionou uma formação única, bilíngue e de qualidade, me possibilitando estar em um ambiente rico e diversificado culturalmente, repleto de aprendizagens diárias.

“Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra. [...] O jeito é olhar para o nosso ser interior, e não ficar supervalorizando o trem que passa lá fora. Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.”

Ailton Krenak

RESUMO

A pesquisa teve início dentro do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), entre 2020 e 2021, quando foi trabalhada, em sala de aula, a temática da História da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, com ênfase na questão dos povos indígenas que viviam às margens do Rio Paraná e foram desalojados pelo alagamento decorrente da construção da barragem. Esse estudo teve continuidade na Iniciação Científica, a partir de 2022, quando foi desenvolvida uma investigação que partiu de uma sequência de aulas sobre a temática indicada, tendo como objetivos a conscientização a respeito da temática indígena ao público jovem e a mobilização da consciência histórica dos estudantes por meio dos conceitos teóricos de Significância Histórica, Evidência Histórica, Empatia Histórica e Dimensão Ética, a partir dos estudos de Seixas e Morton (2013). As aulas problematizaram como as narrativas produzidas pelos meios de comunicação analisados, acerca do ocorrido, dão maior ênfase ao progresso trazido pela construção da usina hidrelétrica e acabam invisibilizando as populações indígenas que habitavam as terras inundadas pelo lago de Itaipu. A investigação teve como objetivo analisar as narrativas produzidas pelos alunos ao final da aplicação da sequência de aulas, que ocorreu no Colégio Flávio Warken, no ano de 2022, em uma turma de 8º ano, considerando os conceitos trabalhados e buscando refletir acerca da importância da História Local para o ensino, pois, de acordo com Fernandes (1995), a História Local rompe com a visão hegemônica da história, abordando peculiaridades e especificidades regionais, assim como a pluralidade étnico-cultural presente na história do Brasil. As atividades foram analisadas buscando-se identificar se os estudantes, a partir das aulas e do conteúdo trabalhado em sala de aula, demonstraram, em suas produções, empatia e conscientização acerca da temática indígena, percebendo as injustiças e, até mesmo, a violência sofrida por essas populações ao longo da história. Também buscou-se identificar a aprendizagem histórica, assim como elementos da consciência histórica desses jovens em relação à temática e às problemáticas envolvidas. Após a leitura e análise das narrativas, foi possível constatar a mobilização da consciência histórica por parte dos estudantes, que compreenderam a dimensão histórica e as implicações atuais da questão. Considerando serem jovens estudantes em uma turma de 8º ano, foi importante observar como trataram das temáticas abordadas levando em conta sua subjetividade, havendo, no total, onze produções textuais resultantes da oficina, das quais, cinco citam os indígenas e denunciam a perda de seu território, e seis deram enfoque à construção da usina, sua importância e trouxeram dados históricos desse processo. Portanto, ao trabalhar conteúdos historiográficos em sala de aula, como explica Assis (2010), devemos fazer uma ponte entre presente, passado e futuro, não sendo uma mera descrição do passado. O objetivo dessa ponte é que o conteúdo tenha sentido para o aluno, o oriente para suas ações em seu meio de vivência e desenvolva sua autonomia.

Palavras-chave: Itaipu; Indígenas; Consciência Histórica; Empatia Histórica; História Local.

RESUMEN

La presente investigación empezó en Pibid (Proyecto Institucional de Bolsas de Iniciación a Docencia) entre 2020 y 2021, cuando fue trabajada, en clases, el tema de la Historia de la Construcción de la Usina Hidroeléctrica de Itaipu, con énfasis en la cuestión de los pueblos indígenas que vivían en las márgenes del Rio Paraná y que fueron desplazados debido a la inundación resultante de la construcción de la represa. El trabajo tuvo continuidad como plano de trabajo de la Iniciación Científica desde 2022, cuando se desarrolló una investigación resultante de una secuencia de aulas acerca de la temática indicada, teniendo como objetivos la concientización sobre la temática indígena al público joven y la movilización de la consciencia histórica de los estudiantes a través de los conceptos teóricos de Significancia Histórica, Evidencia Histórica, Empatía Histórica y Dimensión Ética, referenciando los estudios teóricos de Seixas y Morton (2013). Las clases problematizaron como las narrativas acerca de la construcción de Itaipu, producidas por los medios de comunicación analizados, enfatizan el progreso traído por la construcción e invisibilizan los pueblos indígenas que vivían en las tierras inundadas por el Lago de Itaipu. La investigación tiene como objetivo analizar las narrativas producidas pelos alumnos al final de aplicación de la secuencia de aulas, que ocurrió en el Colegio Flávio Warken, en 2022, en una clase de 8º grado, considerando los conceptos trabajados y buscando reflexionar acerca de la importancia de la Historia Local para la enseñanza, porque, según Fernandes (1995), la Historia Local rompe con la visión hegemónica de la historia, abordando peculiaridades y especificidades regionales, así como la pluralidad étnico-cultural presente en la historia del Brasil. Las actividades fueron analizadas buscando identificar se los estudiantes, partiendo de las clases y del contenido trabajado, demostraron en sus producciones empatía y concientización acerca de la temática indígena, percibiendo las injusticias y la violencia sufrida por esas poblaciones en la historia. También se buscó identificar el aprendizaje histórico, así como elementos de la consciencia histórica de los estudiantes en relación con la temática y las problemáticas involucradas. Después de la lectura y análisis de las narrativas, fue posible constatar la movilización de la consciencia histórica por los alumnos, que comprenderán la dimensión histórica y las implicaciones actuales de la cuestión. Considerando que son jóvenes estudiantes de 8º grado, es importante observar cómo trataran das temáticas abordadas teniendo en cuenta su subjetividad, habiendo once producciones textuales resultantes de la oficina, entre ellas, cinco citan los indígenas y denuncian la pérdida de su territorio, y seis dan énfasis a la construcción de la usina, su importancia, trayendo datos históricos del proceso. Por lo tanto, cuando trabajamos contenidos historiográficos en clase, como explica Assis (2010), debemos hacer un puente entre presente, pasado y futuro, no haciendo una mera descripción del pasado. El objetivo del puente es que el contenido haga sentido para el estudiante, lo oriente para sus acciones en su medio de vivencia y desarrolle su autonomía.

Palabras clave: Itaipu; Indígenas; Consciencia Histórica; Empatía Histórica; Historia Local.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU E A HISTÓRIA LOCAL.....	11
3. CONSCIÊNCIA HISTÓRIA E PENSAMENTO HISTÓRICO	14
4. PERCURSO METODOLÓGICO E RESULTADOS.....	16
4.1 APLICAÇÃO	20
4.2 RESULTADOS.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Este artigo sintetiza parte dos estudos que desenvolvi ao longo da graduação em História na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, trazendo um pouco de minhas experiências de formação como professora de História. Inicialmente, a primeira versão do projeto foi formulada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o Pibid, entre 2020 e 2022, e tinha como propósito elaborar um itinerário didático digital sobre a história da construção da Usina de Itaipu e seus impactos nas comunidades dos povos originários que viviam na área alagada do lado brasileiro.

A partir das investigações, leituras, produção de materiais e do primeiro estudo piloto realizado, foi possível amadurecer minha formação como pesquisadora, o que possibilitou dar continuidade ao trabalho após minha entrada como voluntária no Programa Institucional de Iniciação Científica, entre 2022 e 2023, quando articulei esse trabalho às atividades da disciplina de Estágio III e do Programa Residência Pedagógica e pude realizar o estudo empírico em sala de aula e analisar seus resultados.

A opção pela temática da construção da usina Hidrelétrica de Itaipu e a desapropriação de território das populações que habitavam a área alagada pelo reservatório da usina, não se deu apenas pelo interesse em compreender essa história, mas também pela possibilidade de reflexão sobre a forma como, na atualidade, essas comunidades não recebem assistência adequada por parte da empresa. Assim, trata-se de uma temática que não se reduz a uma experiência do passado, mas um evento que tem impactos fortes ainda hoje na vida dessas populações. Portanto, trazer essa questão para o debate na educação histórica dos jovens foi a principal motivação do trabalho.

A experiência se deu pela aplicação de um percurso de aulas, que chamamos itinerário didático, foi dividido em cinco etapas: a primeira a apresentação da Usina Hidrelétrica de Itaipu à turma, explicando como funciona, onde está localizada e um pouco da história de sua construção por meio de imagens e vídeos; na segunda etapa, é apresentado o documentário *Guataha*, que aborda o quanto a construção afetou as populações indígenas que habitavam o local inundado por meio de entrevistas às comunidades; a terceira etapa busca confrontar as narrativas produzidas pelos meios de comunicação em relação à assistência dada aos indígenas pela Itaipu; a quarta

etapa contém indicações de análises de periódicos da época da construção da usina hidrelétrica, sugerindo reflexões acerca do conteúdo destes; por fim, na quinta e última etapa, é proposta uma atividade de produção de uma narrativa histórica a partir da escolha de imagens.

As aulas foram elaboradas com o objetivo de mobilizar a consciência histórica dos estudantes acerca da temática indígena, desenvolver a empatia histórica em relação às populações realocadas de suas terras e aproximar a temática trabalhada à realidade dos estudantes, por meio da história local da cidade. A partir do conteúdo trabalhado, busca-se, também, produzir resultados por meio da atividade escrita, utilizada como material empírico da pesquisa, no intuito de identificar e analisar a aprendizagem histórica dos jovens estudantes.

Como a etapa inicial deste trabalho ocorreu em um período de pandemia, a aplicação da oficina, dentro do Pibid, não foi realizada de maneira efetiva, sendo necessária a compactação do conteúdo em duas aulas. Por conta disso, a oficina foi retomada no ano de 2022, na disciplina de Estágio Obrigatório II, do curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e dentro das atividades do Programa Residência Pedagógica e a análise dos resultados do estudo empírico foi apresentada como resultado parte do plano de trabalho no Proic (Programa de Iniciação Científica) da UNILA.

Para relatar esse percurso e analisar seus resultados, o artigo está subdividido em 3 tópicos. No primeiro apresentamos um breve histórico da construção da usina de Itaipu, destacando a relação problemática com os povos originários e apresentamos algumas reflexões teóricas sobre a questão da história local e a formação das identidades. Na sequência, discutimos os conceitos de consciência histórica e pensamento histórico e sua contribuição para o ensino. Por fim, relatamos os percursos de estudos desenvolvidos ao longo do projeto, ressaltando a metodologia de pesquisa e investigação dos resultados, finalizando com a análise dos dados coletados no estudo.

2. A CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU E A HISTÓRIA LOCAL

A Usina Hidrelétrica de Itaipu fica localizada no Rio Paraná, na fronteira entre Brasil e Paraguai, no estado do Paraná, nos municípios de Foz do Iguaçu, no Brasil e Hernandarias, no Paraguai, é a segunda maior produtora de energia hidrelétrica do mundo. A obra foi iniciada no ano de 1974 e foi considerada “a mais poderosa arma da geopolítica brasileira” (CHIAVENATO, 1980, Pág. 143). Neste período, de acordo com Manarin (2008), ainda ditatorial no Brasil, o governo procurou investir em grandes obras, buscando o desenvolvimento industrial do país. Conforme o autor, a construção se inicia com o Tratado de Itaipu, que sela a participação de Brasil e Paraguai no aproveitamento dos recursos hídricos do Rio Paraná para a produção de energia elétrica.

Manarin (2008) explica que o processo de construção da usina hidrelétrica de Itaipu aconteceu em quatro fases: a primeira ocorre no período de 1975 a 1978, com a escavação do canal de desvio, estruturas de controle e o Rio Paraná sendo desviado de seu leito natural; a segunda fase compreende o período de 1978 a 1982, quando acontece a construção da barragem principal, o vertedouro, a casa de força e tem início principais montagens eletromecânicas; a terceira fase ocorre de 1982 a 1986, com o fechamento das comportas da estrutura de controle de desvio, sendo formado o reservatório e feita a abertura do vertedouro; a quarta fase abrange o período de 1986 a 1991, quando é construída a casa de força do canal de desvio e é realizada a conclusão da montagem das unidades geradoras restantes.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu ocasionou uma reestruturação de espaço e, conseqüentemente, a remoção de populações que habitavam o local a ser inundado. Conforme Rocha (2018), o projeto da usina já previa imenso impacto ecológico, como o desaparecimento do Salto das Sete Quedas, localizado na cidade de Guaíra, desequilíbrio da fauna dos rios, imersão de rios pequenos e, conforme a autora, não somente os indígenas foram obrigados a deixar seu local de moradia, como também pequenos agricultores, posseiros e pescadores, que se viram impotentes diante da proposta de construção.

Rocha (2018) explica que a Itaipu entra em negociação com as populações indígenas, oferecendo um espaço muito menor do que o pertencente às comunidades naquele momento e, apesar da resistência, consegue a realocação dessas

populações. A autora argumenta que, apesar da Lei n. 6001 de 19 de abril de 1973, a qual busca preservar os territórios e culturas indígenas, as comunidades não conseguem manter suas terras ou conseguem um espaço proporcional ao que lhe foi retirado, tendo a Funai (Fundação Nacional do Índio), ainda, não considerado parte daquelas populações como indígenas em seus laudos feitos na época.

Também é preciso considerar a cosmovisão pertencente aos Avá-Guarani, que não veem a terra como fonte de lucro e, de acordo com Rocha (2018) possuem, como base de sua cultura, a reciprocidade entre ser-humano e natureza, portanto, mudar o curso do rio e fazer tamanha inundação, prejudicando a flora e a fauna da região, era algo inconcebível àquelas populações e significava a perda de elementos de extrema importância para a vida.

Quanto ao espaço geográfico da cidade de Foz do Iguaçu, conforme explicita Conte (2013), a construção da Usina está intrinsecamente ligada à transformação socioespacial da cidade, com a chegada de mais de 100 mil novos habitantes, atraídos pela promessa de emprego na Itaipu e a demasiada construção de habitações para essas populações, processo realizado pela própria Itaipu, construtoras locais e o poder público da cidade.

Conforme Conte (2013), para abrigar os trabalhadores de níveis médio e superior, foram criados dois conjuntos habitacionais: Vila A e Vila B, que possuíam um padrão elevado de moradias, assim como serviços de segurança, saúde, educação e lazer. Para abrigar os operários, foi construído o conjunto residencial Vila C, com casas menores e geminadas. É importante ressaltar que a discrepância socioeconômica entre e esses bairros perdura até os dias atuais, sendo a Vila C, ainda, um bairro periférico da cidade.

Estudar essa temática é abordar a questão da história local e da construção das identidades, visto que a Itaipu tem uma grande presença na vida cultural e política de Foz do Iguaçu, financiando projetos sociais e obras por todas as regiões, o que afeta as percepções e compreensões dos estudantes sobre a positividade dessa obra na história da cidade. Além disso, não se trata apenas de uma temática local, pois envolve questões mais abrangentes, como as relações internacionais entre Brasil e Paraguai, a questão ambiental e a questão indígena, temas muito atuais e pertinentes no debate político e social de nosso país, muito presente nas mídias e redes sociais, o que também afeta a construção das identidades dos jovens estudantes.

Num âmbito mais tradicional, na escola, estudamos sobre a formação de nosso país enquanto nação e sobre a formação do mundo, sobre revoluções, guerras, batalhas, enfim, diversos processos históricos que, muitas vezes, são distantes do nosso espaço de vivência cotidiana, como o município em que vivemos, por exemplo, ou, até mesmo, o nosso bairro ou comunidade. Na maioria das vezes, sabemos mais de eventos mundiais ou de nível nacional do que de acontecimentos históricos da nossa própria região.

Conforme Sousa e Silva (2016), a disciplina de História, assim como demais componentes curriculares presentes na educação básica brasileira, é estruturada, intencionalmente, como forma de condicionamento e preparação do indivíduo para o determinado tipo de sociedade que se quer formar. Desta forma, Fernandes (1995) explica que o ensino de história é caracterizado por ter um modelo tradicional hegemônico, que abrange narrativas centradas em grandes nomes do passado, como, por exemplo, heróis nacionais.

De acordo com o Fernandes (1995), a História Local busca romper com essa visão hegemônica da história, abordando peculiaridades e especificidades regionais, assim como a pluralidade étnico-cultural presente na história do Brasil. Sousa e Silva (2016) explicam que a História Local busca dar evidência a grupos excluídos da sociedade, dentro de sua localidade, relacionando e problematizando a história em nível mais abrangente, pois conforme os autores,

[...] a história é de essencial importância para contextualizar as lutas e, conseqüentemente, colaborar com os mais diversos grupos sociais na valorização do sentimento de pertencimento e na construção de suas identidades sociais. (SOUSA; SILVA, pág. 190)

Citando Fernandes (1995), estudar a história do município, por exemplo, em que se aprende sobre o passado de comunidades próximas ao seu contexto, possibilita um maior entendimento da realidade em que o sujeito está inserido, da sociedade em que atua e interfere em suas decisões para intervenção nesse meio.

Neste trabalho, buscou-se estudar a história por uma perspectiva primeiramente local, entendendo e conhecendo a história da região de Foz do Iguaçu, fazendo uma ponte com a história de comunidades indígenas, entrelaçando, portando, com o conceito de Significância Histórica, pois, aproxima-se as temáticas da realidade dos estudantes e os contextualiza enquanto sujeitos históricos agentes no tempo.

Partindo dessa perspectiva, buscou-se, assim, pensar o mundo historicamente por meio de um passado científico que faz relação com nossa realidade e com o meio em que estamos inseridos, o que contribui para a nossa formação histórica, que, como explica Assis (2010), é a bagagem de conhecimentos históricos que forma o sujeito e como esta influencia em seu agir no mundo.

Esse processo está intrinsecamente ligado à construção da identidade, pois conhecer o passado influencia na construção de quem somos, como vemos a realidade e nossas ações em nosso meio de vivência. Sendo sujeitos históricos, como explicam Schmidt e Oliveira (2014), nós precisamos de orientação, necessitando formar nossa identidade para que possamos agir de forma intencional no tempo e no espaço em que estamos inseridos.

Portanto, é possível contextualizar a história aproximando o conteúdo com o meio em que os estudantes estão inseridos, partindo da história do município, comunidade ou bairro, por exemplo, para um contexto histórico mais abrangente, relacionando com conteúdos curriculares e os tornando mais contextualizados com a realidade da escola e dos estudantes.

3. CONSCIÊNCIA HISTÓRIA E PENSAMENTO HISTÓRICO

Estudar, conhecer e compreender História é, também, fazer relação entre presente, passado e futuro. Conscientizar-se acerca do processo histórico ligado à realidade em que estamos inseridos é compreender o presente e as problemáticas vivenciadas pelo indivíduo em seu meio e, ainda, pensar intervenções para o futuro.

Promover o ensino de história de forma crítica e científica em sala de aula é promover e mobilizar a consciência histórica, que, de acordo com Rüsen (2001), ocorre quando o indivíduo interpreta sua experiência de percurso no tempo, tanto do mundo, como de si mesmo e, dessa forma, consegue ter uma orientação para sua vida prática no tempo, superando as carências de orientação fundamentadas pela tradição.

De acordo com Schmidt (2017), a história, didaticamente, tem uma função de construir e mobilizar a consciência histórica dos alunos, fornecendo elementos para orientação, tanto para a formação da identidade do sujeito como para suas ações em seu meio de vivência.

A partir dessa mobilização, é possível que o indivíduo desenvolva o Pensamento Histórico, que, de acordo com Chávez (2021), é um processo articulado por operações próprias da história, tendo por objetivo responder problemáticas específicas com base em interpretação de fontes históricas. Ainda, conforme Assis (2010), ao pensarmos historicamente, atribuímos sentido à experiência no tempo, tendo consciência que passado, presente e futuro possuem um vínculo indissociável.

A partir dessa concepção e tendo em vista que aprender história seria ter domínio de conceitos e procedimentos que fazem relação à natureza epistemológica do conhecimento histórico, as aulas foram elaboradas a partir de quatro dos seguintes conceitos propostos por Seixas e Morton (2013), pensados com o intuito de buscar uma aprendizagem histórica efetiva, sendo estes: Significância Histórica, Evidência Histórica, Continuidade e Mudança, Causas e Consequências, Empatia Histórica e Dimensão ética.

O conceito de Significância Histórica, de acordo com Seixas (2017), trata de como a história pode ser significativa para quem aprende, refletindo como fazer a junção do que é pessoalmente interessante ao que é significativo para o estudo histórico. Essa problemática, conforme o autor, resulta na impossibilidade de um currículo escolar, pois a história será mais significativa se ensinada a partir de pequenos eventos, que se conectam a um contexto histórico maior.

Conforme Seixas (2017), o trabalho com fontes históricas, que engloba o conceito de Evidência Histórica, se dá por 4 etapas: Levantamento, contextualização, corroboração e leitura aproximada. Como explica o autor, deve-se fazer o exercício de reflexão: “Como eu interpreto a fonte que está em minha frente?”, pensando questões que podem ser respondidas pelas fontes, mobilizando o que já se sabe sobre o contexto de produção da fonte e é preciso ter em mente que a fonte é um produto do cotidiano do passado, não contendo uma mensagem direta para as pessoas do presente. Ainda, conforme Lee (2011), ter conhecimento de como usar a evidência histórica, é um dos principais objetivos da aprendizagem histórica.

O conceito de Continuidade e Mudança, como explica Seixas (2017), aborda o aspecto de que a história é descontínua, constituída de rupturas e discontinuidades, afirmando que historiadores acabam por explicar mais as continuidades do que as discontinuidades presentes na história. Para o autor, esses dois aspectos coexistem e é preciso aclarar quanto de cada um está presente em cada caso histórico específico.

Os conceitos de Causa e Consequência, de acordo com Seixas (2017), trazem o entendimento de que os seres humanos do passado constroem a história sob circunstâncias não previamente determinadas por si mesmos, assim como a explicação de causas de acontecimentos históricos inclui estruturas e condições herdadas do passado e a liberdade de escolha avaliável em um determinado momento da história.

Seixas (2017) explica o conceito de Empatia Histórica ou, também denominado Tomada de Perspectiva Histórica, como um ato de entender as mentes das pessoas do passado que viviam em um espaço-tempo muito distinto do que conhecemos hoje. Seixas (2017) afirma que, ao analisarmos uma fonte primária, por exemplo, precisamos entender o contexto e a visão de mundo dos seres analisados naquele determinado material e, assim, não ter um olhar anacrônico para o passado.

A dimensão ética, de acordo com Seixas (2017), é uma questão presente no trabalho do historiador que envolve questões articuladas sobre o passado, a linguagem utilizada ao descrevê-lo e a estrutura da narrativa construída. Todo esse processo, como explica Seixas (2017), trata de aspectos como julgar crimes de personagens da história, lidar com injustiças do passado que resultam em benefícios e déficits para o presente e a obrigação de manter a memória de vítimas de eventos trágicos ocorridos ao longo do tempo.

Tendo como objetivo principal que os alunos pensem historicamente, assim como vejam o presente mobilizando a consciência histórica, foram utilizados os conceitos de Significância Histórica, Evidência Histórica, Empatia Histórica e Dimensão Ética para construção das aulas aplicadas.

4. PERCURSO METODOLÓGICO E RESULTADOS

O itinerário didático foi denominado como *A Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e a Questão Indígena*, sendo composto de cinco etapas detalhadamente organizadas em passos e sugestões ao longo das aulas.

A primeira etapa tem por objetivo que o aluno entre em contato com a dimensão estrutural da usina e com a história do processo de construção da obra. Para tal intuito, é proposto que a usina seja vista pelos alunos por meio do *Google Maps Street View* ou por imagens da barreira e outros pontos da obra.

Esse momento é seguido da exibição do vídeo *Construção de Itaipu (1977)*¹, de 1997, uma reportagem especial produzida pela Agência Nacional sobre as obras de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que mostra os trabalhos sendo executados e reunião da diretoria da empresa encarregada da construção. Essa etapa tem por objetivo que a turma conheça a Itaipu, a dimensão da obra e um pouco sobre o processo de construção. Após assistir o vídeo, são apontadas algumas características deste, como a linguagem utilizada, que fala da Itaipu como um marco histórico e a maior usina hidrelétrica do mundo e sua trilha sonora patriótica.

Após esse momento, acontece a leitura da seção *Perguntas Frequentes*², presente no website da Itaipu, conhecendo dados relevantes sobre a usina hidrelétrica. Após a leitura, será dado enfoque à 22ª questão: “*Quais são as desvantagens da construção de uma usina hidrelétrica?*”, questionando aos estudantes por que essa pergunta é feita de forma genérica, não trazendo o nome de Itaipu em seu enunciado, enquanto outras questões, como quando falado para onde vai a energia ou o tamanho da usina, o questionamento não é feito de forma genérica.

A segunda etapa teve por intuito trazer a narrativa dos povos indígenas que foram retirados de suas terras para a construção da usina, por meio do documentário denominado *Guataha*³, que conta a história da dispersão dos povos Avá-Guaraní que viviam na margem do rio Paraná até os anos 80, em aldeias contíguas divididas entre Brasil e Paraguai. São selecionados três trechos do documentário para exibição: O primeiro relato sobre a vida antes da construção da hidrelétrica (no minuto 4:52-10:02), a visão dos indígenas sobre seu modo de viver e a relação com os não-indígenas (33:29-35:29) e, por fim, o relato pós-construção da usina hidrelétrica (47:15-49:11).

A terceira etapa tem por intuito realizar a leitura da narrativa trazida pela Itaipu sobre a realocação e assistência aos indígenas, presente no website da usina, por meio de uma publicação denominada *A Itaipu e os Índios Avá-Guaraní*⁴, a qual descreve iniciativas da usina voltadas à população indígena no oeste do Paraná, tanto

¹ ARQUIVO NACIONAL. **Construção de Itaipu (1977)**. YouTube, 10/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XMT_sOz4CwQ> Acesso em 05/10/2023, às 10h.

² ITAIPIU BINACIONAL. **Perguntas Frequentes**. 2010. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/perguntas-frequentes>> Acesso em 02/10/2023, às 8h30min.

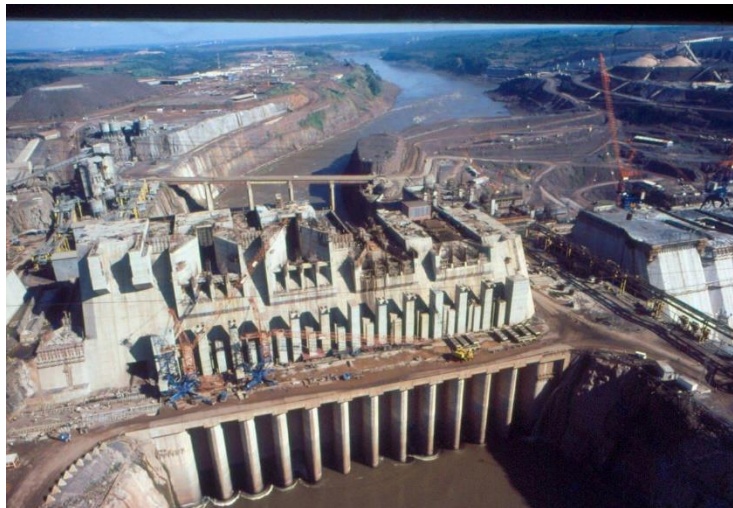
³ OGUATA PORÃ. **Guataha**. Youtube, 16/05/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tDeqWL1CwWE&t=219s>> Acesso em 02/10/2023, às 9h.

⁴ ITAIPIU BINACIONAL. **A Itaipu e os Índios Avá-Guaraní**. 2018. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/meio-ambiente/itaipu-e-os-indios-ava-guarani>> Acesso em 02/10/2023, às 10h15min.

no presente, como no passado, na época da realocação da população para a construção do reservatório da usina. Além do texto, é interessante analisar a imagem presente na página, que contém indígenas caracterizados e sorridentes. O conteúdo desse texto é confrontado com a notícia denominada *Itaipu ameaça despejar comunidade Guarani em Santa Helena, Oeste do Paraná*⁵, que contém relatos das iniciativas advindas da usina de Itaipu para despejar indígenas das terras em que foram realocados. Após a leitura dos textos, é discutido como a notícia contradiz a narrativa produzida pelo *website* da usina e como se assemelha ao documentário *Guataha* exibido anteriormente.

A quarta etapa consiste em trazer aos alunos periódicos que abordam a construção da usina de Itaipu nas décadas de 1970 a 1990. O objetivo é fazer com que os alunos entrem em contato com fontes históricas e analisar como a obra foi noticiada e, também, como a situação dos indígenas foi invisibilizada pela imprensa da época. Por fim, a última etapa é uma produção de texto, em que os alunos devem se colocar no lugar de um jornalista da época e construir uma notícia que aborda a construção da usina hidrelétrica, partindo da escolha entre duas imagens: a imagem 1 dá enfoque à construção da usina e sua magnitude, enquanto a imagem 2 volta o olhar à área submersa e às terras indígenas que foram perdidas:

IMAGEM 1:



Fonte: Poder360, 2022

⁵ NAKAMURA, Rafael. Itaipu ameaça despejar comunidade Guarani em Santa Helena, Oeste do Paraná. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 22 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/itaipu-ameaca-despejar-comunidade-guarani-em-santa-helena-oeste-do-parana/#:~:text=Anos%20depois%20da%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da,retomando%20seus%20territ%C3%B3rios%20tradicionalmente%20ocupados>> Acesso em 29/09/2023, às 13h.

IMAGEM 2:

Fonte: Gazeta do Povo, 2018.

Dentro da construção desta sequência de atividades, foram aplicados os conceitos de Significância histórica, Evidência histórica, Empatia Histórica e Dimensão Ética. O primeiro conceito, Significância Histórica, está relacionado à questão de os estudantes entenderem a história dos povos indígenas a partir de um evento específico, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Também, como citado anteriormente, a significância histórica se dá por conta de fazer parte da história local da cidade, sendo a construção da usina um evento crucial para a história do município.

O conceito de Evidência Histórica é relacionado ao fato de os alunos entrarem em contato com fontes históricas e, a partir destes, vislumbrarem narrativas a respeito do fato histórico, como periódicos da época, notícias recentes, imagens e produções televisivas, que foram assistidas, lidas e interpretadas pela turma. O conceito de Empatia Histórica se dá a partir da tentativa de trazer a perspectiva dos indígenas na época da construção e compreender o porquê de não serem favoráveis à construção da usina, indo em contrapartida à ideia de progresso, pois esse avanço econômico ao país seria prejudicial a essas populações. Por fim, o conceito de Dimensão Ética é aplicado quando a narrativa dessas populações é colocada em evidência, dando lugar de fala aos indígenas prejudicados pela construção. Dessa forma, a cosmovisão de mundo dessas populações é colocada em evidência em sala de aula, entendendo como foram e ainda são prejudicados pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e por diversos outros fatores em nosso país.

4.1 APLICAÇÃO

A primeira aplicação do itinerário didático ocorreu em uma turma de 3º ano do ensino médio, do período matutino, no Colégio Estadual Dr. Arnaldo Busatto, no bairro Três Lagoas, em Foz do Iguaçu, no ano de 2021, em conjunto às atividades do Pibid, com a supervisão do docente Gustavo Moreira. A segunda aplicação ocorreu em uma turma de 8º ano do período vespertino, no Colégio Estadual Flávio Warken, no bairro Vila C, no ano de 2022, com supervisão do professor de História Odirlei Manarin, em conjunto às atividades do Residência Pedagógica e da disciplina de Estágio II. Os resultados apresentados nesta pesquisa são frutos da segunda aplicação.

As aulas ocorreram nos dias 16 e 17 de novembro de 2022, no período vespertino, sendo três aulas divididas da seguinte forma: duas aulas no dia 16, a primeira às 13h30 e a segunda às 15h10, e uma aula no dia 17, às 14h20. A turma não era numerosa, havia em torno de 17 alunos presentes nos dias das aplicações. Por conta de não ter a oportunidade de realizar uma prévia observação, estava apreensiva quanto à receptividade e participação dos alunos.

Na primeira aula, senti um pouco de nervosismo para dar início às atividades. Porém, o professor Odirlei foi bastante compreensivo e atencioso, ajudando em todas as aulas, tanto com o engajamento da turma, como com suporte técnico dos equipamentos utilizados.

Após chegar à sala e ser apresentada pelo professor, dei início à oficina que durou três aulas. Dando início à aplicação, questionei aos alunos se conheciam a usina, se já tinham visto e se já a haviam visitado. A maioria disse que sim, que já haviam visitado e uma parte menor da sala disse que ainda não havia conhecido. Seguindo os passos da aula, mostrei imagens do monumento e busquei trazer informações acerca da parte da obra apresentada na foto. Então, trouxe o vídeo *Construção de Itaipu, de 1997*, e apontei alguns aspectos, como as palavras utilizadas para se direcionar à usina, que enfatizam a grandiosidade da obra, e a música presente no vídeo, a qual possui sonoridade patriótica, assemelhando-se a músicas utilizadas em propagandas comerciais.

O passo seguinte foi mostrar algumas questões presentes na sessão *Perguntas Frequentes*, do *website* da Itaipu. Fiz a leitura de três questões previamente selecionadas: “1. O que representa a energia da Itaipu para o Brasil e o Paraguai? 3. Qual a potência de Itaipu? 22. Quais são as desvantagens da construção de uma

usina hidrelétrica?” Após a leitura das perguntas, assim como das respostas dadas aos questionamentos presentes no *website*, o enfoque foi dado à 22ª questão, que traz alguns pontos negativos da construção do monumento. Fiz o questionamento à turma de qual aspecto essa questão tinha de diferente das outras e eles responderam que abordava coisas ruins. Depois, perguntei sobre as palavras utilizadas para formular a pergunta, sobre o que tinha de diferente no enunciado da 22ª questão, demoraram um certo tempo, chutaram outras respostas, mas chegaram ao ponto: essa questão não possui o nome de Itaipu no enunciado. Então, propus uma reflexão do porquê desta questão ser feita de forma neutra e a turma foi participativa, respondendo que a Itaipu tem o propósito de desvincular seu nome das consequências negativas da construção.

Ainda nesta aula, fiz a tentativa de dar início à exibição dos trechos do documentário *Guataha*, que traz a visão dos indígenas sobre a construção da usina. Porém, o vídeo não funcionou por conta de um problema no som na hora da exibição no projetor, então, o professor regente me orientou a dar sequência ao material e tentarmos em outro momento. Dei sequência ao conteúdo com a leitura da matéria presente no *website* da usina, *A Itaipu e os índios Avá-Guarani*. Nesse texto, discutimos o conteúdo do texto e o veículo de informação, pois trata-se do próprio site da Itaipu afirmando que toma medidas acerca dos indígenas deslocados de suas terras, tanto agora, quanto na época da formação do reservatório. Também chamei atenção para a foto que acompanha o texto, comentando sobre a iluminação, sobre a expressão dos indígenas e, também, suas vestimentas.

Após esse momento, apresentei a notícia *Itaipu ameaça despejar comunidade Guarani em Santa Helena*, realizando a leitura do texto em voz alta. Além do conteúdo e depoimentos presentes na notícia, dei enfoque, assim como no texto anterior, à imagem que acompanha a notícia, que mostra indígenas que não estão sorridentes, não caracterizados e parecem estar em uma situação desconfortável. Após realizar a leitura, pedi para os alunos que comparassem os dois textos. A turma teve um pouco de dificuldade em perceber a dualidade das narrativas e porque isso acontece, respondendo que a notícia poderia ser falsa. Reforcei, então, que a notícia não era falsa, colocando em evidência os veículos de informação em que cada notícia estava presente e, a partir desse ponto, conseguimos chegar à reflexão de que o texto que estava presente no site da Itaipu tenta passar uma narrativa de reparação aos povos indígenas prejudicados pela construção e a notícia descreve as consequências

trazidas a esses povos pela formação do lago de Itaipu e, inclusive, é escrita por um indígena.

Depois desse momento, conseguimos fazer os ajustes dos equipamentos de som e imagem para exibição dos trechos previamente selecionados do documentário *Guataha*. Depois da exibição, perguntei o que eles acharam do vídeo, se tinham gostado e qual dos textos vistos anteriormente tinham uma narrativa mais parecida com a do documentário. Eles responderam que o conteúdo da notícia *Itaipu ameaça despejar comunidade Guarani em Santa Helena* era mais parecido com o presente no documentário.

Após esse momento, foram exibidos os periódicos selecionados que tratam da construção de Itaipu que dão maior enfoque aos benefícios para a economia do país. Dois periódicos citam os indígenas: um diz que foram indenizados com uma verba direcionada à Funai e o outro cita, ainda, que algumas populações realocadas não são indígenas. Problematizei essas informações contidas nos jornais com a turma e perguntei a eles: “O que a construção da usina significou para os indígenas Avá-Guarani que tiveram que deixar a região?” Eles responderam que foi algo triste, desolador, complicado e outros apontamentos com a conotação de tristeza.

A oficina foi finalizada com a atividade escrita, de que deveriam escolher uma das imagens selecionadas e, a partir disso, redigir uma notícia sobre a construção da Usina, imaginando ser um jornalista da época. Para tal atividade, pedi que formassem duplas, porém, alguns preferiam realizar a atividade de forma individual. Apresentei mais alguns periódicos e, como exemplo, trouxe a notícia *Guaranis do Oeste vivem sem água potável e energia elétrica*⁶, que aborda problemáticas atuais vividas pelas populações indígenas no Paraná. Juntamente ao exemplo, expliquei algumas características de um texto noticiário e que eles deveriam escolher entre duas imagens: a primeira, que mostra a usina em seu processo de construção, ou a segunda, que volta o olhar à formação do lago de Itaipu.

A turma, de forma geral, conseguiu realizar a atividade sem maiores dificuldades. Tiveram dúvidas durante o processo, fizeram perguntas sobre datas, fatos e outros aspectos e pediram para pesquisar algumas informações pelo celular.

⁶ PARO, Denise. *Guaranis do Oeste vivem sem água potável e energia elétrica*. **H2FOZ**, 01 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/regiao/guaranis-do-oeste-vivem-sem-agua-potavel-e-energiaeletrica/#:~:text=Denise%20Paro%20%2D%20H2FOZ-,Ind%C3%ADgenas%20est%C3%A3o%20em%20%C3%A1reas%20ocupadas%20porque%20as%20terras%20demarcadas%20n%C3%A3o,por%20condi%C3%A7%C3%B5es%20b%C3%A1sicas%20de%20vida>> Acesso em 01/10/2023, às 13h.

Nas três aulas da oficina, os alunos participaram, tanto fazendo algumas perguntas quanto respondendo aos meus questionamentos. De forma geral, foram receptivos e interessados na temática apresentada.

4.2 RESULTADOS

A consciência histórica, conforme Schmidt (2017), precisa ser compreendida como uma junção de operações da consciência, que é emocional, cognitiva e pragmática e se manifesta, sobretudo, pela narrativa histórica. A autora explica que narrar histórias é um ato que mostra a potencialidade do ser humano em se apropriar do passado, trazendo significados e experiências sobre o tempo que nos formam como seres humanos, levando em conta três fatores da experiência temporal: memória, continuidade e intencionalidade.

Tendo essa perspectiva, e como já explicado anteriormente, a turma foi dividida em duplas para realizarem a atividade proposta que era produzir uma narrativa, em forma de notícia, que tratasse da construção da usina hidrelétrica de Itaipu na década de 1970. Lembrando que deveriam redigir a notícia a partir da escolha de duas imagens, sendo que uma retratava o processo de construção da usina e a outra o processo de formação do lago de Itaipu. Para a produção do texto, foi explicado algumas características estruturais de um texto noticiário: manchete, data e que deve responder às questões: “O quê? Quando? Onde? Como?” No momento da aplicação, busquei, ao máximo, não interferir na escolha dos alunos e em suas narrativas, sempre respondendo às dúvidas, porém, questionando sobre o que eles desejavam narrar em suas notícias.

As produções, com exceção de uma, foram construídas pelo nome do jornal, criado pelos alunos, a data, que alguns optaram por colocarem datas da década de 70 e 80, outros, pela data do dia da aplicação, e pelo corpo da notícia. De acordo com Oliveira (2012), a manchete funciona como um convite para leitura da notícia, sendo permeada pela subjetividade de quem a constrói, que, em primeiro momento, se expressa pelo enfoque dado ao resumir uma notícia para intitulá-la e, também, seguindo os preceitos do veículo de comunicação em que irá ser publicada. No caso da atividade construída na oficina, a manchete foi permeada pela subjetividade e intencionalidade dos alunos definidos pela perspectiva abordada em seus textos,

trazendo a perspectiva indígena ou dando enfoque ao progresso alcançado com a construção da usina hidrelétrica de Itaipu.

No quadro a seguir, serão apresentadas as manchetes que intitularam as produções e o conteúdo abordado no corpo do texto.

Manchete	Conteúdo do texto
<i>A construção da Usina de Itaipu: uma das maiores potências do mundo está em progresso.</i>	Características da construção, como número de trabalhadores, vida útil e potencial energético.
<i>Marco da engenharia elétrica!</i>	Benefícios da construção da usina e detalhes da construção, como número de trabalhadores.
<i>Um marco na história de Foz</i>	Processo de construção, empresas que construíram a barragem e detalhes da obra.
<i>O marco da engenharia</i>	Detalhes da construção, onde está localizada e potencial energético da usina.
<i>A construção da maior usina hidrelétrica do mundo</i>	Benefícios trazidos pela usina e número de trabalhadores envolvidos.
<i>A maior usina do mundo</i>	Localização da usina, ano de construção e populações indígenas prejudicadas por deixarem suas terras.
<i>Ainda em progresso a maior engenharia do mundo</i>	Benefícios da construção, ano de construção e populações indígenas prejudicadas por deixarem suas terras.
<i>Casas de Indígenas viraram lago para a Itaipu</i>	Denúncia à expulsão dos indígenas de suas terras.
<i>Alagação despeja indígenas de sua terra natal</i>	Localização e ano da construção da usina, populações indígenas prejudicadas por deixarem suas terras e condições de vida atuais desses povos.
<i>Construção de Itaipu deixa indígenas desamparados</i>	Populações indígenas prejudicadas por deixarem suas terras e posição da Funai frente à essa situação.

É interessante observar como a manchete expressa o posicionamento dos alunos em relação à situação abordada, no entanto, duas das produções não seguem essa lógica, pois, mesmo sendo intituladas *A maior usina do mundo* e *Ainda em*

progresso a maior engenharia do mundo, ao longo do texto, apresentam o quanto a construção da usina prejudicou as populações indígenas.

Outro ponto a ser observado é a repetição de termos como ‘marco’ e ‘maior’, os quais enfatizam a grandiosidade da usina hidrelétrica. Possivelmente, o uso desses vocábulos foi impulsionado pelo uso da Evidência Histórica, por meio da fonte trabalhada em sala de aula, sendo um periódico denominado *Nasce a maior potência do mundo*, que descreve todas as vantagens e melhorias que Itaipu trará ao Brasil. O corpo do texto do periódico citado é finalizado com a seguinte frase: “Um marco na engenharia mundial.”

Retomando os conceitos de Seixas e Morton (2013), Empatia Histórica, que se refere à tomada de perspectiva em relação às pessoas do passado, e Dimensão Ética, que se trata da preocupação em dar voz à vítimas de processos históricos, as produções que buscam noticiar o processo de desapropriação de terras indígenas apropriaram-se desses conceitos, tendo uma visão empática pelas populações indígenas, como nestes exemplos, o primeiro feito individualmente pela aluna B.S. e o segundo pelos alunos M. e E.:

“[...] A Usina ajudou muitos, mas muitos perdeu seu lar, pois onde ela é sendo construída havia muitos habitantes, que era os indígenas que moravam na região.”

“Um desvio de um rio aconteceu para fazer uma barragem que no futuro se tornará uma usina hidrelétrica [...] irá obrigar muitos indígenas a se deslocarem para não serem submersos pela água [...] Foz do Iguaçu se tornará a dona da maior usina hidrelétrica do mundo.”

As narrativas abordam os benefícios da usina, que ajudou muitas pessoas e, que pode estar se referindo aos inúmeros empregos gerados, assim como a própria economia e crescimento do país, e que Foz do Iguaçu será portadora da maior usina hidrelétrica do mundo, contrastando com os malefícios, que foram as populações retiradas de, como a aluna B.S. diz, seus lares. Conforme o dicionário Aulete⁷, o vocábulo ‘lar’ traz significados como família e terra natal e, fazendo uso dessa palavra, a aluna indica maior vínculo das populações com a terra inundada.

⁷AULETE, C. Aulete Digital. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <<https://aulete.com.br/lar>> Acesso em 05/10/2023, às 22h.

A narrativa das alunas A. e L. também apresenta uma visão empática em relação aos indígenas:

“A construção da Itaipu foi um grande marco na engenharia, mas a construção da barragem desviou o curso do rio e alagou terras indígenas, deixando-os sem recursos. O fundo lucrativo que deveria investir em terras indígenas acabou não cumprindo esse objetivo porque os povos foram dados como “paraguaios, um povo esquisito” e por isso acabaram não tendo esse recurso [...]”

As alunas, ao construírem sua notícia, denunciam as injustiças cometidas contra as populações indígenas pela Itaipu, assim como pela Funai, remetendo-se ao documentário *Guataha*, em que o entrevistado relata que o antropólogo enviado à aldeia no decorrer do processo da construção da usina, identifica as populações que ali habitavam como ‘paraguaios’ e ‘um povo esquisito’, não os reconhecendo como indígenas.

Outro exemplo em que os conceitos de Empatia Histórica e Dimensão Ética são expressos, é a narrativa do aluno S.M.:

“A barragem de Itaipu foi construída no Rio Paraná na cidade de Foz do Iguaçu [...] e como consequência os indígenas foram retirados de sua terra natal por conta da inundação. Trabalhadores indicam que os indígenas tiveram que sair de suas terras estão trabalhando como boias frias e hoje em dia estão em piores condições de vida pois alguns não tem água potável e nem energia elétrica”

Diferentemente da outra estudante, o aluno não cita benefícios, somente consequências negativas da história da constru o, remetendo, ainda, a como essas popula es sofrem no presente. Pode-se observar que o aluno não segue a proposta de se passar por um jornalista da época e aborda o assunto narrando contemporaneamente o assunto, remetendo   uma das notícias trabalhadas em sala, denominada *Guaranis do Oeste vivem sem água potável e energia elétrica*, de junho de 2022.

O aluno também recorre   Evidência Histórica, incorporando e fazendo uso, em sua narrativa, de uma das fontes históricas trabalhadas durante a oficina, sendo um per dico da época da constru o da usina que relata que os indígenas ainda não sabem onde irão morar e que os homens da aldeia estão trabalhando como boias frias.

A narrativa do aluno M.A. expressa, também, a Empatia Histórica e Dimensão  tica, porém, de uma forma que apresenta revolta, em tom de denúncia:

“Indígenas foram expulsos de seus lares pela Itaipu, suas casas estão debaixo do lado da Itaipu, isso está afetando a vida dos indígenas. Havia mais de 482 indígenas em Foz do Iguaçu e todos eles foram expulsos para ser construída uma usina hidrelétrica. E agora como eles vão sobreviver?”

Novamente, o vocábulo ‘lar’ é utilizado, intensificando a relação dos indígenas com a terra inundada pelo reservatório da usina. O aluno também emprega a palavra ‘expulsos’, o que expressa maior violência na retirada dessas populações e afirma que as casas das pessoas que habitavam o local estão embaixo do lago, remetendo a uma cena do documentário trabalhado, em que o entrevistado está em um barco percorrendo o Lago de Itaipu e afirma que seu antigo local de moradia está submerso por aquelas águas.

Diferentemente das narrativas anteriores, as demais construções textuais deram ênfase à construção da usina hidrelétrica e seus benefícios à cidade de Foz do Iguaçu e à economia do país, como as narrativas abaixo:

“Em 1991 termina a construção da Itaipu, é um marco para a engenharia hidrelétrica. Todo o povo comemora a construção da Itaipu e agora nós de Foz do Iguaçu teremos energia para toda a cidade, nossa cidade terá mais um ponto turístico para visitantes. [...] essa usina hidrelétrica será a maior do mundo, agora o Brasil terá um reconhecimento histórico com energia limpa e renovável.” (aluno F.O.)

“A usina hidrelétrica [...] irá fornecer [...] energia para o Paraguai e também para o Brasil, essa energia será totalmente feita pela água. Ela irá ter uma vida útil por 200 anos e irá ajudar o Brasil financeiramente.” (alunos C. e E.)

As duas narrativas fazem menção somente às vantagens da construção da usina de Itaipu, ressaltando seu potencial energético e a colocando como um presente à cidade de Foz do Iguaçu, que terá mais atrativos turísticos. Os estudantes recorrem à Evidência Histórica, pois apresentam traços de periódicos produzidos na época da construção da usina que exaltam a construção e o progresso que será alcançado por meio dela.

A narrativa dos alunos D. L. se volta a dar detalhes sobre a obra, respondendo aos tópicos: “Como ocorreu a construção?”, “Quem construiu a barragem?” e “Alguns detalhes da barragem”. O trecho a seguir corresponde ao primeiro tópico:

A Usina foi feita num longo cânion escavado pelo Rio Paraná. Em 1973, foi esse o ponto escolhido pelos engenheiros e técnicos que desenvolviam o projeto da nova usina. Em 1974, com a chegada das primeiras máquinas ao canteiro das obras, começaria a ser construída a Itaipu.

Em sua construção textual, os alunos não exaltaram benefícios ou indicaram o progresso econômico que seria trazido pela usina, apenas descreveram pontos relacionados à construção, o que indica a pesquisa a recursos da internet dos dados para a produção da atividade.

Houve, no total, onze produções textuais resultantes da oficina, das quais, cinco citam os indígenas e denunciam a perda de seu território, e seis deram enfoque à construção da usina, sua importância e trouxeram dados históricos desse processo. Ou seja, a maior parte das atividades não abrangem os conceitos de Empatia Histórica e Dimensão Ética, pois a maioria não busca trazer a narrativa das populações indígenas para o seu texto noticiário.

Uma possível explicação para tal resultado, seria a forma como foi sugerida a atividade e seu enunciado que solicitava que narrassem a construção da usina hidrelétrica, sem citar as populações indígenas em sua composição. Ademais, outra forma de atividade poderia ter sido considerada, como atividades mais dinâmicas e lúdicas, por ser uma turma de 8º ano e ainda estar em processo de amadurecimento, possivelmente, os alunos se sentiriam mais atraídos pelo conteúdo.

Outro ponto a ser considerado como justificativa para os resultados obtidos, é a visão hegemônica construída pela usina hidrelétrica de Itaipu em nossa cidade, pois, mesmo os alunos tendo acesso a relatos e notícias da violência cometida aos indígenas, ainda, a maior parte das narrativas busca manter essa visão positiva e saudosista à usina, principalmente, ressaltando sua importância como ponto turístico em Foz do Iguaçu.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire (1996) nos diz que ensinar não se resume em apenas transferir conhecimento, mas, sim, proporcionar possibilidades para que este seja construído. Neste trabalho, buscou-se este objetivo por meio do pensamento histórico científico e

pela mobilização da consciência histórica dos estudantes, fazendo uso dos conceitos de Significância Histórica, Empatia Histórica, Dimensão Ética e Evidência História.

Buscou-se, por meio do referencial teórico, uma visão de ensino em que o aluno pudesse ter a autonomia de identificar as problemáticas causadas pela construção da usina hidrelétrica em sua região e os principais atingidos por esse processo. A narrativa foi pensada como forma de expressão desse pensamento, observando a tomada de perspectiva dos alunos, assim como o referenciamento às fontes trabalhadas em sala de aula.

Como conclusão da pesquisa, foi observado que, apesar do uso de diferentes linguagens trazendo a perspectiva indígena, como vídeos, notícias e imagens, a história hegemônica narrada pela própria Itaipu foi predominante nas narrativas produzidas pelos alunos, trazendo aspectos positivos da construção, assim como o fato de ser um importante ponto turístico da cidade de Foz do Iguaçu. Também foi identificado o uso recorrente dos vocábulos 'marco' e 'maior' para se referir à usina.

Sanches (2012) destaca o papel do professor-pesquisador, o qual reflete sua prática por meio de elementos teóricos e adquirindo subsídios para a ressignificação para o seu trabalho como docente. Por meio desta pesquisa e seus resultados, pude perceber alguns elementos que, em outro momento, faria algumas alterações para uma possível reaplicação da sequência de aulas, como o formato da atividade proposta, propondo uma atividade mais lúdica, voltada ao público do ensino fundamental II. Também incrementaria o conteúdo do itinerário didático com informações acerca da construção dos bairros Vila A, B e C, pois a escola em que foi aplicada a oficina, Flávio Warken, é localizada na Vila C, aproximando, ainda mais, a temática da realidade dos estudantes e suas vivências diárias.

Fazer parte de programas como Pibid e Residência Pedagógica, dentro do curso de História Licenciatura da Unila, foram fundamentais para minha formação enquanto docente e pesquisadora, me inserindo de forma direta na realidade da escola pública e no trabalho cotidiano do professor.

6. REFERÊNCIAS

- ASSIS, Arthur. **A teoria da história de Jorn Rusen**: uma introdução /Arthur Assis. - Goiânia: Editora UFG, 2010.
- CONTE, C. H. **Do Milagre Econômico à Construção de Itaipu**: Configurando a Cidade de Foz do Iguaçu/PR. Vol.12 nº 2. Revista Economia & Desenvolvimento - UFPB, 2013.
- CHÁVEZ, Carolina Preisler. **Un modelo para el desarrollo del Pensamiento Histórico**. Clio e Asociados (33), 51-71, 2021.
- CHIAVENATO, Julio José. **Stroessner**: retrato de uma ditadura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um Lugar na Escola para a História Local**. Recife: ANPUH, 1995.
- LEE, Peter. **Por que aprender História**. Educar em Revista. nº42. UFPR: Curitiba, dez.2011.p19-42.
- MANARIN, Odirlei. **Operários de Itaipu**: Experiências e lembranças da demissão. História na Fronteira, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 2, p. 7-26, jul./dez. 2008.
- OLIVEIRA, T. A. D.; SCHMIDT, M. A. M. S. **Consequências da teoria da narrativa histórica para a didática da história**: algumas possibilidades para a práxis dos professores. Revista Teoria da História, v. 11, p. 116-139, 2014.
- ROCHA, Elaine Pereira. **Canal de desvio**: os Avá-Guarani e a construção da Itaipu Binacional. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. Vol. 12, nº 2, pp. 49-85. 2012.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica - Teoria da história**: fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001
- SANCHES, Tiago. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Educação Histórica no Ensino Fundamental**: Reflexões Teórico- Metodológicas a partir do uso de fontes históricas em sala de aula. Atas do XII Congresso Internacional Jornadas de Educação Histórica "Consciência Histórica e as novas tecnologias da informação e comunicação. Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH). UFPR: Curitiba, 2012.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História**. Intelligere, Revista de História Intelectual, vol. 3, nº2, p. 60-76. 2017.
- SEIXAS, Peter; MORTON, Tom. **The big six historical thinking concepts**. Nelson: Toronto, 2013.

SEIXAS, Peter. **A Model of Historical Thinking**. Educational Philosophy and Theory, University of British Columbia. Pages 593-605, 2017.

SILVA, Rodrigo Campos. **Marcas de subjetividade nas manchetes de um jornal popular: possíveis implicações para um perfil de leitor**. III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade. Campinas. Dilemas e desafios na contemporaneidade. Unicamp: Campinas, 2012.

SOUSA, Israel Soares; SILVA, Severino Bezerra. **Por um ensino de História referenciado na Educação Popular**. Revista História Hoje, v. 5, n. 9, p. 182-204, 2016.